

Relatório da Administração Nacional Oceânica Atmosférica (Noaa) dos Estados Unidos indica que os recordes foram batidos em 2023 e a passagem do fenômeno El Niño deve contribuir para elevar ainda mais as temperaturas em 2024

O calor vai piorar

» PALOMA OLIVETO

Os próximos 12 meses serão de calor intenso, com 33% de chance de ultrapassar 2023 como ano mais quente, e 99% de probabilidade de figurar entre os cinco com temperaturas mais elevadas já registradas. Divulgado ontem em uma coletiva de imprensa on-line, o novo relatório da Administração Nacional Oceânica Atmosférica (Noaa) dos Estados Unidos também confirmou que a cobertura de gelo marinho da Antártida caiu para um nível recorde, com os termômetros atingindo marcas históricas na superfície do planeta e nos oceanos no ano passado.

O órgão da ONU confirmou que 2023 foi o ano mais quente da Terra. “Continuaremos a ver recordes quebrados e eventos extremos crescerem até que as emissões cheguem a zero”, diz Sarah Kapnick, cientista-chefe da Noaa. “Depois de ver a análise climática de 2023, tenho que dizer que as descobertas são surpreendentes” afirma. Segundo Kapnick, 2023 não foi apenas “o ano mais quente no registro climático de 174 anos da Administração Nacional Oceânica Atmosférica, mas de toda a história.

“Um planeta em aquecimento significa que precisamos estar preparados para os impactos das alterações climáticas que acontecem aqui e agora, como eventos climáticos extremos que se tornam mais frequentes e graves”, acrescentou Kapnick.

Perspectivas

Além de as emissões humanas de gases de efeito estufa continuarem altas, o fenômeno *El Niño* deve continuar, o que justificará um 2024 com altas temperaturas. “Embora os eventos do *El Niño* ocorram naturalmente e venham e vão de um ano para o outro, as alterações climáticas a longo prazo estão a aumentar, e isso é inequívoco devido às atividades

Ed Alves/CB



Planeta sofre com as alterações climáticas que elevam as temperaturas colocando todos em alerta

os registros regionais começaram a ser realizados. Isso significa que, desde 1910, os termômetros nessa parte do continente americano elevaram a uma taxa média de 0,15°C por década.

O relatório também mostra que 2023 foi o 47º ano consecutivo com temperaturas acima da média na América do Sul. Nove dos 10 anos mais quentes ocorreram desde 2012. O calor na região durante sete meses — maio e julho a dezembro — bateu todos os recordes históricos. Agosto foi o mais extremo: termômetros 2,43°C além do registrado anteriormente.

Antártida

O continente gelado foi mais atingido por ondas de calor do que nunca, diz o documento da Noaa, com a temperatura anual 0,15°C maior que a média, e oscilações mensais drásticas nos termômetros. Uma das consequências, segundo o órgão norte-americano, é que um iceberg maior que a capital de São Paulo se separou da plataforma de gelo Brunt em janeiro de 2023, no segundo maior desmoronamento da área nos últimos dois anos.

“O que vimos em 2023 foi extraordinário”, diz Gavin Schmidt, diretor do Instituto Goddard de Estudos Espaciais da Agência Espacial Norte-Americana, que compõe a Noaa. “Estamos tendo muita dificuldade em explicar por que 2023 foi tão quente. O que ocorreu no ano passado foi sem precedentes. É uma preocupação. Estou muito menos otimista quanto à minha capacidade de explicar o que está acontecendo.”

humanas”, destacou, em um comunicado, a secretária-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM), Celeste Saulo.

“As alterações climáticas são o maior desafio que a humanidade enfrenta. Está afetando a todos nós, especialmente os mais vulneráveis”, afirmou Celeste Saulo. “Não podemos nos dar ao luxo de esperar mais. Já estamos tomando medidas, mas temos de fazer mais e rapidamente.”

América do Sul

O relatório da Noaa, divulgado na mesma semana em que o

Palavra de especialista

“O extraordinário calor global de 2023 tornou possível sinalizar que seria o ano mais quente já registrado muito antes de terminar. Este nível de aquecimento está em linha com as projeções climáticas. Esperamos que o forte El Niño no Pacífico tenha impacto na temperatura global até 2024. Por esta razão, prevemos que 2024 seja outro ano recorde, com a possibilidade de ultrapassar temporariamente os 1,5 °C. É importante reconhecer que uma ultrapassagem temporária não significará uma violação do Acordo de Paris. Mas a nossa previsão destaca a rapidez com que estamos a nos aproximar disso e, portanto, devemos esperar mais efeitos climáticos regionais sem precedentes.”

Nick Dunstone, cientista climático do serviço meteorológico da Inglaterra, o Met Office

Copernicus, serviço meteorológico europeu, confirmou 2023 como o ano mais quente da história, mostra que a temperatura média da superfície terrestre e oceânica do planeta foi 1,18°C acima do século 20 — a maior desde 1850, quando o órgão iniciou os registros. Além disso, esteve 1,35°C mais elevada que o período pré-industrial (1850 a 1900).

Também desde o começo do monitoramento da Noaa, os últimos 10 anos bateram recordes de calor sucessivos. Na América do Sul, o relatório destaca que a temperatura, em 2023, ficou 1,73°C maior que 1900, quando

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Segunda-feira, 8

FAMÍLIAS EM TRANSFORMAÇÃO

As famílias mudarão dramaticamente nos próximos anos em razão do acentuado envelhecimento populacional, prevê um estudo publicado no periódico científico *Proceedings of the National Academy of Sciences*. De acordo com a pesquisa, os avós serão mais velhos e entrarão em idades com elevadas necessidades de cuidados, o que deverá comprometer a capacidade de ajuda na criação dos netos. A estimativa é a de que o número de parentes que de cada pessoa diminua em mais de 35%, com uma redução impactante de primos, sobrinhas, sobrinhos e netos. Ao mesmo tempo, haverá mais bisavós e avós. Para se ter uma ideia, nos anos 1950, uma mulher de 65 anos tinha em média 41 parentes vivos. Em 2095, uma mulher da mesma idade terá em média apenas 25. “Esperamos que o tamanho global das famílias diminua permanentemente em todas as regiões do mundo. Esperamos que os maiores declínios sejam na América do Sul e nas Caraíbas”, diz Diego Albrez-Gutierrez, chefe do Grupo de Pesquisa sobre Desigualdades de Parentesco no Instituto Max Planck de Pesquisa Demográfica em Rostock, na Alemanha

Terça-feira, 9

CÃES A SALVO

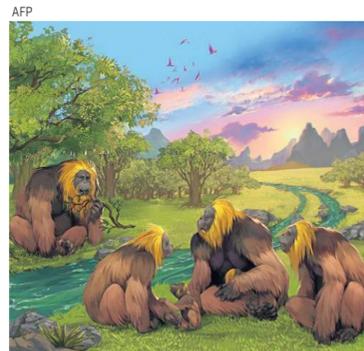
O Parlamento da Coreia do Sul aprovou uma lei que veta a criação, o abate e a venda de cães para o consumo de sua carne, uma prática tradicional que muitos ativistas consideram vergonhosa para o país. Foram 208 votos a favor e nenhum contra. A proibição entrará em vigor após um período de carência de três anos, assim que receber a aprovação final do presidente Yoon Suk Yeol. Criar e matar cães, assim como vender carne canina para consumo, será punível com até três anos de prisão ou multas de até 30 milhões de won (R\$ 112,3 mil reais). A carne de cachorro faz parte da culinária sul-coreana há muito tempo. Estima-se que o consumo chegue a 1 milhão de cães por ano, mas foi drasticamente reduzido devido à crescente adoção dos cachorros como animais de estimação. Atualmente, é um tabu entre os jovens urbanos da Coreia do Sul. Os ativistas dos direitos dos animais aumentaram a pressão para que o governo proibisse a prática.



Quarta-feira, 10

POR TRÁS DO FIM DOS MACACOS GIGANTES

A extinção do maior primata de todos os tempos, o *Gigantopithecus blacki*, é um mistério para os paleontólogos há quase um século, desde que os primeiros fósseis foram encontrados. Agora, esse enigma parece ter chegado ao fim. Com três metros de altura, pesando entre 200kg e 300kg, o macaco gigante vagou pelas selvas da Ásia por muito tempo, antes de desaparecer da face da Terra há mais de 200 mil anos. Segundo um estudo publicado na última edição da revista *Nature*, tudo indica que a causa foi a sua incapacidade de adaptação às mudanças ao seu entorno. A partir da década de 1930, centenas de fósseis de mandíbulas e dentes da espécie foram encontrados em cavernas na província de Guangxi, no sul da China. O resultado das análises desse material permitiu determinar uma “janela de extinção” para a espécie: entre 295 mil e 215 mil anos. Isso corresponde a um amplo período de ciclos glaciais denominado Pleistoceno, quando o planeta viveu um resfriamento global. Como consequência, períodos de escassez de frutos e uma mudança alimentar que resultou em “estresse crônico de longa duração” e, por fim, na extinção.



Quinta-feira, 11

A SURPREENDENTE GALÁXIA MAGNÉTICA

Astrônomos criaram o primeiro mapa das estruturas do campo magnético dentro de um braço espiral da Via Láctea. Estudos anteriores sobre o tema haviam fornecido uma imagem geral, mas, agora, o consórcio internacional de cientistas foi bem mais detalhista. As descobertas, divulgadas no periódico científico *The Astrophysical Journal*, sugerem que os campos magnéticos impactam fortemente as regiões de formação estelar, o que significa que desempenham um papel na criação do nosso próprio Sistema Solar. “Até agora, todas as observações de campos magnéticos dentro da Via Láctea levaram a um modelo muito limitado que era totalmente uniforme e correspondia em grande parte ao formato do disco da própria galáxia”, observou Yasuo Doi, professor assistente do Departamento de Ciências da Terra e Astronomia da Universidade de Tóquio. “Nosso objetivo é aprofundar nossas observações e construir melhores modelos de estruturas de campos magnéticos galácticos. Esse esforço visa fornecer informações observacionais sobre a acumulação de gás que alimenta a formação estelar ativa na nossa galáxia e o seu desenvolvimento histórico.”